

Repercussões dermatológicas e efeitos de virilização induzidos pelo uso de esteroides anabolizantes em mulheres

Dermatological repercussions and virilization effects induced by the use of anabolic steroids in women

Repercusiones dermatológicas y efectos de virilización inducidos por el uso de esteroides anabólicos em mujeres

DOI: 10.5281/zenodo.21211287

Recebido: 02 jul 2026

Aprovado: 05 jul 2026

Nívia Larice Rodrigues de Freitas
Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
nivialaric@gmail.com

Kailany Becker Antonio
Medicina Nilton Lins
Manaus-Amazonas
Kailany.becker55@gmail.com

Rodrigo Manoel Ferreira Carrapeiro
Medicina – Universidade Federal do Amazonas
Porto Velho – Rondônia
rcarrapeiro@gmail.com

Paola Zaccaro da Silveira
Nutrição – Fundação Universitária Vida Cristã (UNIFUNVIC)
Pindamonhangaba – São Paulo
zaccaropaola33@gmail.com

Nataline Ferreira Crescencio
Enfermagem – Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora
Juiz de Fora – Minas Gerais
natalinepsf@hotmail.com

Valdete Santos de Araújo Bittencourt
Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
vsaraujo@uea.edu.br

Josy Cortez Alves de Alencar
Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
cortezajosy@gmail.com

Daniele Campos Damasceno

Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
danieledcd@hotmail.com

Kellen Karoline Gomes da Silva

Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
kkaroline.silva05@gmail.com

Rafael Henrique Monteiro

Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
rhenrique.med@gmail.com

Raissa Nóbrega Ferreira

Medicina – Faculdade de Medicina de Olinda
Olinda – Pernambuco
raissanobregaferreira@hotmail.com

Daniel Nunes Soares Costa

Medicina – Faculdade de Medicina de Olinda
Olinda – Pernambuco
danielnsc@hotmail.com

Janaina Lima dos Santos

Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – Amazonas
janainalimados@gmail.com

Paulo Victor Chaves Nobre

Biomedicina – Uninassau
Fortaleza, CE
paulovictorcnpv@gmail.com

RESUMO

A busca pelo padrão de beleza idealizado, centrado na hipertrofia e na definição muscular extrema, reflete um fenômeno sociocultural impulsionado pelo forte apelo visual construído nos ambientes virtuais. Diante de todo o panorama exposto e das problemáticas apresentadas, o presente estudo tem como objetivo principal analisar as repercussões dermatológicas e os efeitos colaterais de virilização causados pelo uso indiscriminado de esteroides anabolizantes em mulheres. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa de abordagem qualitativa com busca de artigos nas plataformas PubMed, SciELO e Google Scholar. Foram adotados os termos Anabolizantes, Virilização e Mulheres para selecionar materiais em português publicados entre 2022 e 2026, excluindo produções com estruturas confusas ou resumos de congressos. Os dados revelam que o consumo dessas substâncias gera um balanço nitrogenado positivo que eleva a síntese proteica muscular, mas provoca um severo choque hormonal na fisiologia feminina. No tecido cutâneo, processos enzimáticos convertem os hormônios exógenos em compostos de alta afinidade pelos receptores locais, estimulando a hipertrofia das glândulas sebáceas, o aumento da oleosidade e o surgimento de acne inflamatória grave. Ademais, verifica-se a miniaturização dos folículos capilares, que reduz a fase de crescimento dos fios e consolida a calvície. O avanço da virilização manifesta-se ainda por disфонia permanente devido ao espessamento das cordas vocais, hirsutismo, atrofia das mamas, hipertrofia do clitóris, distúrbios menstruais, infertilidade, além de severas alterações de humor e dependência psicológica. Dessa forma, evidencia-se que o recreativo desses fármacos resulta em toxicidade sistêmica crônica e danos anatômicos

frequentemente irreversíveis, tornando urgente a implementação de estratégias de regulação sanitária, campanhas de conscientização e um modelo de acolhimento multidisciplinar focado na redução de danos à integridade biológica feminina.

Palavras-chave: Anabolizantes. Virilização. Mulheres.

ABSTRACT

The search for an idealized beauty standard, centered on hypertrophy and extreme muscle definition, reflects a sociocultural phenomenon driven by the strong visual appeal constructed in virtual environments. Given the full scope of this panorama and the issues presented, the primary objective of this study is to analyze the dermatological repercussions and virilization side effects caused by the indiscriminate use of anabolic steroids in women. To achieve this, a qualitative narrative review was conducted, searching for articles on PubMed, SciELO, and Google Scholar platforms. The terms “Anabolic Steroids,” “Virilization,” and “Women” were adopted to select materials in Portuguese published between 2022 and 2026, excluding works with confusing structures or conference abstracts. The data reveal that the consumption of these substances generates a positive nitrogen balance that elevates muscle protein synthesis but causes a severe hormonal shock to female physiology. In cutaneous tissue, enzymatic processes convert exogenous hormones into compounds with high affinity for local receptors, stimulating the hypertrophy of sebaceous glands, increased oiliness, and the onset of severe inflammatory acne. Furthermore, miniaturization of hair follicles is observed, which reduces the hair growth phase and consolidates alopecia. The progression of virilization also manifests as permanent dysphonia due to the thickening of the vocal cords, hirsutism, breast atrophy, clitoral hypertrophy, menstrual disorders, infertility, as well as severe mood swings and psychological dependence. Consequently, it is evident that the recreational use of these drugs results in chronic systemic toxicity and frequently irreversible anatomical damage, making the urgent implementation of health regulation strategies, awareness campaigns, and a multidisciplinary care model focused on harm reduction to female biological integrity essential.

Keywords: Anabolic steroids. Virilization. Women

RESUMEN

La búsqueda del patrón de belleza idealizado, centrado en la hipertrofia y la definición muscular extrema, refleja un fenómeno sociocultural impulsado por el fuerte atractivo visual construido en los entornos virtuales. Ante todo el panorama expuesto y las problemáticas presentadas, el presente estudio tiene como objetivo principal analizar las repercusiones dermatológicas y los efectos secundarios de virilización causados por el uso indiscriminado de esteroides anabolizantes en mujeres. Para ello, se realizó una revisión narrativa de enfoque cualitativo mediante la búsqueda de artículos en las plataformas PubMed, SciELO y Google Scholar. Se adoptaron los términos Anabolizantes, Virilización y Mujeres para seleccionar materiales en portugués publicados entre 2022 y 2026, excluyendo producciones con estructuras confusas o resúmenes de congresos.

Los datos revelan que el consumo de estas sustancias genera un balance nitrogenado positivo que eleva la síntesis proteica muscular, pero provoca un severo choque hormonal en la fisiología femenina. En el tejido cutáneo, procesos enzimáticos convierten las hormonas exógenas en compuestos de alta afinidad por los receptores locales, estimulando la hipertrofia de las glándulas sebáceas, el aumento de la oleosidad y la aparición de acné inflamatorio grave. Además, se verifica la miniaturización de los folículos capilares, lo que reduce la fase de crecimiento de los hilos y consolida la calvicie. El avance de la virilización se manifiesta también por disfonía permanente debido al espesamiento de las cuerdas vocales, hirsutismo, atrofia de las mamas, hipertrofia del clítoris, trastornos menstruales, infertilidad, además de severas alteraciones del estado de ánimo y dependencia psicológica.

De esta forma, se evidencia que el uso recreativo de estos fármacos resulta en toxicidad sistémica crónica y daños anatómicos frecuentemente irreversibles, por lo que resulta urgente la implementación de estrategias de regulación sanitaria, campañas de concientización y un modelo de acompañamiento multidisciplinar centrado en la reducción de daños a la integridad biológica femenina.

Palabras clave: Esteroides anabólicos. Virilización. Mujeres.

1. INTRODUÇÃO

A busca contemporânea pelo padrão de beleza idealizado, centrado na hipertrofia e na definição muscular extrema, reflete um fenômeno sociocultural complexo que é intensamente impulsionado pela exposição mediática e pelo forte apelo visual construído nos ambientes virtuais (Fátima Souza et al., 2022; Guimarães et al., 2024). Essas plataformas digitais exercem um papel ativo no incentivo constante à exibição de corpos considerados perfeitos, o que acaba propagando uma falsa ideia de que os resultados são fáceis e que todos os efeitos colaterais das intervenções farmacológicas são perfeitamente controláveis pelas usuárias (Correia et al., 2026). Sob essa ótica de apelo estético, a insatisfação crônica com a própria imagem corporal estimula o público feminino a recorrer a métodos farmacológicos para alcançar modificações físicas severas de maneira rápida e imediatista (Santos et al., 2024; Oliveira, Sousa, Maciel, 2025).

Complementando esse panorama de busca desenfreada pelo imediatismo corporal, observa-se que as pressões sociais consolidadas no cotidiano urbano impulsionam a adesão generalizada a tratamentos hormonais diversos que carecem de qualquer tipo de respaldo científico ou indicação clínica real (Guimarães et al., 2024). Esse anseio por transformações céleres popularizou inclusive o uso disseminado de implantes subcutâneos hormonais, conhecidos popularmente no mercado estético como chips da beleza, os quais contêm misturas de substâncias androgênicas que afetam diretamente o metabolismo basal e a composição de gordura das pacientes (Costa, 2026). Esses dispositivos são comercializados e amplamente compartilhados em clínicas estéticas e redes sociais de forma abusiva, ignorando por completo os preceitos éticos da medicina baseada em evidências e gerando sérios riscos iminentes para a integridade da saúde pública (Costa, 2026).

Diante desse cenário epidemiológico preocupante, nota-se um crescimento expressivo, silencioso e alarmante no uso recreativo e puramente cosmético de diferentes classes de esteroides anabolizantes androgênicos entre mulheres que praticam treinamentos resistidos em academias (Iwata, 2023; Miranda et al., 2025). Ocorre atualmente uma perigosa transição do uso médico legítimo dessas substâncias controladas para um consumo clandestino e sem qualquer tipo de orientação especializada (Correia et al., 2026; Leite et al., 2024). Originalmente, esses compostos farmacológicos foram desenvolvidos pela indústria química com a finalidade exclusiva de tratar patologias graves, incluindo quadros clínicos de hipogonadismo, anemias severas, osteoporose avançada e estados catabólicos decorrentes de desnutrição ou queimaduras (Correia et al., 2026; Santos et al., 2024; Rocha Carvalhal, 2023).

A proliferação desenfreada desse consumo ilegal e recreativo transforma uma ferramenta terapêutica valiosa em um problema de saúde pública de proporções globais, motivado sobretudo pela facilidade de

acesso a substâncias no mercado informal (Correia et al., 2026; Oliveira, Sousa, Maciel, 2025). A ampla disseminação de informações errôneas na mídia digital faz com que mulheres de diferentes faixas etárias iniciem rotinas de automedicação complexas baseando-se unicamente em relatos de fóruns de internet e indicações informais obtidas em ambientes esportivos (Rosa et al., 2024). Esse comércio clandestino e a consequente ausência de monitoramento clínico multidisciplinar anulam qualquer possibilidade de análise preventiva de risco e benefício, operando totalmente à margem das diretrizes legais emanadas pelas agências reguladoras oficiais (Rocha Carvalho, 2023).

Para compreender a gravidade real dessa prática e a extensão de seus danos no organismo, torna-se necessário analisar detalhadamente a fisiologia e a própria definição química desses esteroides, os quais consistem estruturalmente em derivados sintéticos modificados do hormônio masculino testosterona (Correia et al., 2026; Miranda et al., 2025). Essas substâncias exógenas agem diretamente no nível celular através de um processo de difusão passiva pela membrana plasmática, ligando-se de forma altamente específica aos receptores androgênicos que estão presentes em múltiplos tecidos do corpo humano (Leite et al., 2024). Todo esse complexo ativado migra para o núcleo da célula e passa a interagir com o ácido desoxirribonucleico, estimulando a produção local de fatores de crescimento tecidual e alterando a síntese de proteínas estruturais (Leite et al., 2024).

Como resultado molecular direto de toda essa sinalização intracelular nas fibras musculares, ocorre um expressivo e contínuo incremento na retenção de nitrogênio e na captação acelerada de aminoácidos circulantes (Santos et al., 2024; Fátima Souza et al., 2022). Esse balanço nitrogenado amplamente positivo eleva significativamente a síntese proteica intracelular, atuando de maneira concomitante na inibição do catabolismo muscular e promovendo o bloqueio competitivo dos receptores de cortisol (Fátima Souza et al., 2022). O desfecho primário e puramente visual que é esperado pelas usuárias por meio dessa cascata bioquímica consiste no desenvolvimento hipertrófico acelerado da musculatura esquelética, promovendo um ganho massivo de força física e otimização do rendimento atlético geral (Guimarães et al., 2024).

Contudo, a introdução deliberada dessas substâncias sintéticas no organismo feminino provoca um severo choque hormonal sistêmico, o qual decorre da impossibilidade biológica absoluta de separar o desejado efeito anabólico muscular do temido efeito androgênico de masculinização (Rosa et al., 2024; Fátima Souza et al., 2022). Essa resposta exógena artificial entra em franco, abrupto e perigoso contraste com as características da fisiologia endócrina feminina natural (Guimarães et al., 2024). Na biologia normal da mulher, a testosterona é secretada de forma extremamente controlada e em quantidades significativamente baixas através da atuação conjunta dos ovários e das glândulas adrenais, exercendo papéis metabólicos sutis e limitados (Rosa et al., 2024; Guimarães et al., 2024).

O consumo inadequado e permanente de esteroides anabolizantes expõe o corpo da mulher a concentrações hormonais perigosamente elevadas que desregulam de forma profunda os mecanismos de autorregulação biológica (Iwata, 2023; Santos et al., 2024). As usuárias sem orientação médica costumam administrar dosagens abusivas que chegam a ser frequentemente três vezes superiores às concentrações terapêuticas que seriam recomendadas para o tratamento de deficiências reais (Santos et al., 2024). Esse desequilíbrio agudo e contínuo no sistema circulatório induz uma superexpressão de vias metabólicas alternativas em diversos órgãos, tornando o organismo feminino vulnerável ao desenvolvimento definitivo de caracteres sexuais secundários tipicamente masculinos (Wildberger, Bottini, Wildberger, 2022).

Essa desregulação endócrina crônica resulta em uma quebra severa da homeostase corporal, culminando no bloqueio do funcionamento do eixo hormonal natural e desencadeando disfunções metabólicas multiorgânicas (Correia et al., 2026; Santos et al., 2024). O abuso prolongado dessas substâncias eleva drasticamente as chances de desenvolvimento de doenças coronarianas agudas, episódios frequentes de arritmias cardíacas, dislipidemia acentuada e hipertrofia patológica do ventrículo esquerdo (Iwata, 2023). Também é observado clinicamente o surgimento precoce de distúrbios de filtração hepato-renais, elevação crônica da pressão arterial sistêmica, resistência periférica à insulina e o fechamento prematuro das epífises ósseas com interrupção do crescimento em usuárias jovens (Santos et al., 2024).

Os danos teciduais decorrentes dessa prática inadequada podem progredir de forma célere para quadros de extrema gravidade clínica e toxicidade sistêmica irreversível caso o consumo dos fármacos não seja imediatamente cessado (Correia et al., 2026; Iwata, 2023). A literatura médica contemporânea documenta com solidez a ocorrência de neoplasias graves e condições letais associadas ao abuso crônico desses hormônios, incluindo o desenvolvimento de carcinoma hepatocelular e episódios fatais de morte súbita (Iwata, 2023). Ademais, o severo comprometimento do sistema reprodutor da mulher manifesta-se de maneira precoce por meio de irregularidades menstruais profundas, oligomenorreia, supressão total do ciclo com amenorreia prolongada e quadros definitivos de infertilidade anovulatória (Rosa et al., 2024; Iwata, 2023).

Paralelamente aos intensos danos físicos e metabólicos observados na periferia do corpo, as alterações provocadas no sistema nervoso central desencadeiam severos transtornos psiquiátricos de ordem comportamental (Correia et al., 2026; Santos et al., 2024). A alteração funcional nos eixos de neurotransmissores cerebrais gera instabilidade emocional crônica, crises recorrentes de irritabilidade extrema, pânico, ansiedade generalizada e episódios alternados de euforia desmedida ou agressividade física (Miranda et al., 2025). Além disso, o padrão de dependência química e psicológica se estabelece de

forma sólida na rotina das usuárias, gerando uma síndrome de abstinência dolorosa que é acompanhada de fadiga limitante, dores musculares intensas e quadros de depressão maior (Miranda et al., 2025).

Esse conjunto complexo de falhas biológicas crônicas e intoxicação hormonal contínua abre caminho de forma inevitável para o avanço progressivo do processo de virilização no corpo feminino (Rosa et al., 2024; Iwata, 2023). A exposição prolongada aos potentes efeitos androgênicos altera de forma drástica, traumática e visível a identidade fenotípica e a conformação anatômica secundária da mulher (Rosa et al., 2024). Esse fenômeno patológico manifesta-se clinicamente por meio de oscilações exacerbadas na libido, atrofia severa do parênquima mamário, espessamento permanente das cordas vocais com consequente disфонia vocal crônica e hipertrofia clitoridiana (Rosa et al., 2024; Iwata, 2023; Guimarães et al., 2024).

Dentro desse amplo e complexo espectro de masculinização física induzida, o impacto dermatológico destaca-se como uma manifestação periférica inicial que sinaliza visualmente a toxicidade androgênica em mulheres submetidas ao uso dessas substâncias (Rosa et al., 2024; Iwata, 2023). A presença circulante da testosterona exógena promove uma alteração no funcionamento do sistema tegumentar, induzindo quadros agudos de oleosidade na barreira cutânea e o desenvolvimento precoce de lesões acneicas inflamatórias na face e no tronco (Santos et al., 2024; Fátima Souza et al., 2022). Somado a isso, observa-se uma desregulação na distribuição dos pelos corporais, caracterizada pelo surgimento de hirsutismo facial e alopecia no couro cabeludo, evidenciando o efeito deletério cutâneo que frequentemente se torna irreversível (Iwata, 2023; Fátima Souza et al., 2022; Guimarães et al., 2024).

A relevância científica desta pesquisa justifica-se pela necessidade premente de mapear os agravos à saúde causados pelo consumo abusivo de compostos hormonais para fins puramente estéticos no público feminino (Rosa et al., 2024; Correia et al., 2026). Diante de um cenário em que o comércio informal expande o acesso a tratamentos clandestinos, torna-se fundamental subsidiar a comunidade médica com evidências consolidadas sobre os riscos sistêmicos envolvidos (Santos et al., 2024; Costa, 2026; Rocha Carvalhal, 2023). Sob a ótica acadêmica, este estudo propõe-se a preencher lacunas informacionais acerca das manifestações físicas e psicológicas da virilização em mulheres, fornecendo subsídios para o aprimoramento de estratégias de regulação, fiscalização sanitária e acolhimento clínico preventivo (Iwata, 2023). Portanto, a pressão social exercida por padrões corporais irreais e da falsa percepção de segurança propagada pela mídia, reforçam a necessidade de desmistificar o uso dessas substâncias sem indicação clínica. Diante de todo o panorama exposto e das problemáticas apresentadas, o presente estudo tem como objetivo principal analisar as repercussões dermatológicas e os efeitos colaterais de virilização causados pelo uso indiscriminado de esteroides anabolizantes em mulheres.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho ocorreu por meio de uma revisão narrativa com abordagem qualitativa, direcionada para o exame e o debate aprofundado dos estudos científicos publicados sobre o assunto. A definição por esse modelo de pesquisa serviu para entender a evolução e o impacto das alterações na pele e no corpo feminino, sem se prender unicamente à apresentação de tabelas ou dados estatísticos. Com o uso do formato narrativo, conseguiu-se expor detalhadamente as complicações dermatológicas e os desdobramentos físicos causados pelo consumo dessas substâncias hormonais, apresentando um embasamento teórico e prático que os formatos de revisão mais rígidos não conseguem expor.

O levantamento dos artigos e documentos que serviram de suporte para a elaboração do estudo aconteceu em portais digitais de grande reconhecimento acadêmico, sendo eleitos o PubMed, a SciELO e o Google Scholar. Para localizar as produções dentro dessas ferramentas de busca, empregaram-se os termos de pesquisa: Anabolizantes, Virilização e Mulheres. Logo após a realização dessa consulta nas plataformas, reuniram-se apenas as produções publicadas em idioma português para dar sustentação ao conteúdo trabalhado.

Como critérios de inclusão adotados na investigação, os textos aproveitados obedeceram a exigências associadas ao período de lançamento das pesquisas, fixando os anos de publicação estritamente entre 2022 e 2026. Essa delimitação temporal serviu para assegurar que o levantamento trouxesse o panorama atualizado das áreas de dermatologia e endocrinologia, concentrando-se nos achados mais recentes sobre os danos do uso desses compostos.

Como critérios de exclusão adotados na pesquisa, rejeitaram-se as publicações que exibiam uma estrutura metodológica confusa ou inconsistente, além de materiais curtos vindos de congressos ou simpósios que careciam do arquivo na íntegra para conferência. Da mesma forma, recusaram-se os artigos que somente se aproximavam do foco central da discussão, deixando de lado materiais que não tratassem de forma clara das reações na pele e do processo de virilização no público feminino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A falsa percepção de segurança no consumo feminino de substâncias hormonais estimula a propagação contínua do mito da “bomba leve” em academias e centros esportivos (Rosa et al., 2024). Diante desse cenário de desinformação, compostos específicos como a Oxandrolona, o Stanozolol e o Primobolan são vistos erroneamente como opções inofensivas pelo público feminino, sob o pretexto de que apresentariam propriedades androgênicas supostamente atenuadas na fisiologia (Fátima Souza et al., 2022). De acordo com Costa (2026), essa falta de entendimento prático decorre diretamente da ausência de

orientações sólidas baseadas em evidências clínicas e científicas no ambiente comercial. Desse modo, a disseminação descontrolada de dados distorcidos em plataformas digitais contribui para a banalização do consumo indiscriminado dessas substâncias por mulheres que buscam padrões estéticos imediatos (Santos et al., 2024).

A complexa dinâmica de utilização dessas substâncias envolve metodologias empíricas e perigosas baseadas na combinação simultânea de diferentes compostos sintéticos no organismo (Iwata, 2023). Por conta dessa busca por resultados rápidos, as mulheres costumam estruturar o consumo por meio de ciclos sobrepostos, associações conhecidas como stacks ou pela administração ininterrupta denominada bridging (Miranda et al., 2025). De acordo com Rocha Carvalho (2023), tais estratégias empíricas sobrecarregam os sistemas fisiológicos femininos por não respeitarem as janelas terapêuticas minimamente seguras dos fármacos. Esse acúmulo contínuo de moléculas androgênicas exógenas no corpo potencializa consideravelmente a manifestação rápida de reações adversas sistêmicas e crônicas na saúde (Guimarães et al., 2024).

O surgimento precoce de efeitos colaterais visíveis no espelho impulsiona as usuárias a iniciarem o consumo secundário de substâncias adjuvantes na tentativa falha de camuflar as alterações estéticas indesejadas (Rosa et al., 2024). Nesse sentido, o emprego de fármacos potentes como a finasterida passa a ser adotado de forma inadvertida com o objetivo principal de conter a queda severa de cabelo no couro cabeludo (Correia et al., 2026). De acordo com Oliveira, Sousa e Maciel (2025), a busca por respostas estéticas imediatas favorece a prática da automedicação em contextos completamente distantes de um acompanhamento clínico especializado. Essa conduta estabelece um quadro severo de polifarmácia que eleva os riscos de interações medicamentosas perigosas e compromete severamente as funções de filtragem do fígado e dos rins (Rocha Carvalho, 2023).

A atividade bioquímica da enzima 5-alfa-redutase desempenha um papel biológico central no desencadeamento de sérias e profundas repercussões dermatológicas no corpo da usuária (Rosa et al., 2024). Esta proteína específica atua convertendo diretamente a testosterona exógena circulante em di-hidrotestosterona (DHT) nos tecidos periféricos e cutâneos do organismo feminino (Guimarães et al., 2024). De acordo com Costa (2026), a afinidade extremamente elevada desse metabólito pelos receptores hormonais locais altera de forma drástica o metabolismo natural da derme. A alta concentração regional dessa substância na pele funciona como o principal gatilho biológico para os processos inflamatórios severos observados clinicamente na superfície cutânea (Fátima Souza et al., 2022).

O contato direto e prolongado da di-hidrotestosterona com os tecidos cutâneos provoca uma intensa hipertrofia glandular nas unidades pilosebáceas da mulher (Rosa et al., 2024). Esse estímulo hormonal

desordenado acelera a proliferação celular dos sebócitos e modifica profundamente a composição lipídica natural do sebo secretado pela pele (Santos et al., 2024). De acordo com Oliveira, Sousa e Maciel (2025), o desequilíbrio na secreção dessas substâncias gordurosas destrói a barreira protetora natural do tecido epitelial contra agentes externos. A modificação drástica da oleosidade constrói um microambiente ideal para o desenvolvimento excessivo da bactéria *Cutibacterium acnes*, gerando quadros severos de acne inflamatória deformante (Correia et al., 2026).

O severo comprometimento capilar induzido pelo uso inadequado de hormônios androgênicos ocorre por meio de um processo degenerativo tecidual conhecido como miniaturização folicular (Rosa et al., 2024). Os altos níveis de andrógenos exógenos atuam na raiz capilar, reduzindo expressivamente o tempo de duração da fase anágena, que corresponde ao período de crescimento ativo dos fios (Iwata, 2023). De acordo com Costa (2026), o impacto estético negativo nos cabelos é um dos fatores psicológicos que mais gera sofrimento e insatisfação entre as pacientes afetadas. Com a redução progressiva dos ciclos de crescimento, os bulbos capilares tornam-se finos e fracos, consolidando uma calvície permanente com padrão de distribuição tipicamente masculino (Fátima Souza et al., 2022).

A existência de uma sólida barreira comunicativa no consultório médico impede o diagnóstico precoce e o manejo correto das complicações de saúde instaladas (Rosa et al., 2024). O receio do julgamento moral ou da repreensão profissional faz com que muitas mulheres ocultem o consumo dessas substâncias dos ginecologistas e dermatologistas (Miranda et al., 2025). De acordo com Rocha Carvalhal (2023), a omissão voluntária de dados clínicos essenciais inviabiliza o monitoramento bioquímico adequado de parâmetros vitais do organismo feminino. Essa falta de transparência na relação médico-paciente atrasa a intervenção terapêutica correta para conter o avanço destrutivo dos danos cutâneos e das desordens endócrinas sistêmicas (Iwata, 2023).

O mercado clandestino promove uma gourmetização perigosa do consumo hormonal por meio de estratégias de marketing com apelos sedutores voltados ao antienvelhecimento (Costa, 2026). Sob a denominação comercial atraente de “chips da beleza”, diversos tipos de implantes subcutâneos contendo misturas androgênicas são comercializados sem o devido registro nos órgãos oficiais de vigilância sanitária (Oliveira, Sousa e Maciel, 2025). Esta abordagem comercial mascara a presença de anabolizantes esteroides comuns sob falsas promessas de otimização metabólica e disposição física (Guimarães et al., 2024). Desse modo, muitas usuárias entram em contato com doses supra-fisiológicas de andrógenos sem o real conhecimento dos graves riscos envolvidos para a integridade de seus corpos (Santos et al., 2024).

Os fatores psicológicos que retroalimentam essa prática crônica envolvem o desenvolvimento silencioso de quadros graves de dismorfia corporal e de vigorexia (Miranda et al., 2025). A insatisfação

constante e patológica com a própria aparência impede que a mulher perceba com clareza a gravidade das alterações masculinizantes sofridas pelo seu corpo (Guimarães et al., 2024). De acordo com Oliveira, Sousa e Maciel (2025), a supervalorização da musculatura rígida em detrimento da saúde global molda o comportamento social contemporâneo de forma prejudicial. Essa distorção cognitiva crônica faz com que o consumo continue mesmo diante de sinais nítidos de masculinização severa e lesões cutâneas dolorosas (Santos et al., 2024).

As profundas alterações vocais, conhecidas na prática clínica como disfonia vocal, constituem uma das principais e mais marcantes repercussões do processo de virilização em mulheres (Rosa et al., 2024). A exposição contínua aos hormônios androgênicos exógenos atua diretamente nas estruturas da laringe, promovendo um espessamento irreversível das cordas vocais (Fátima Souza et al., 2022). De acordo com Leite et al. (2024), o aumento substancial da força muscular e as mudanças drásticas na estrutura corporal global acompanham essa transição hormonal. Devido às características biológicas da cartilagem laringea feminina adulta, essa modificação no timbre de voz costuma persistir de forma permanente no organismo (Iwata, 2023).

O surgimento do hirsutismo representa outra manifestação androgênica de grande impacto negativo que compromete severamente a autoimagem e a identidade feminina (Rosa et al., 2024). Os hormônios masculinizantes exógenos induzem a transformação indesejada de pelos finos em pelos grossos, ásperos e escuros em áreas tipicamente masculinas do corpo (Leite et al., 2024). De acordo com Costa (2026), o impacto visual e social desse sintoma altera drasticamente o bem-estar psicológico e a qualidade de vida das pacientes. O crescimento descontrolado de pelos em regiões como o rosto, o queixo e o peito gera angústia estética persistente e isolamento social (Fátima Souza et al., 2022).

O delicado sistema reprodutor feminino sofre disfunções profundas decorrentes da interferência crônica e agressiva exercida por andrógenos externos no corpo (Rosa et al., 2024). A presença contínua dessas substâncias sintéticas inibe severamente o eixo hipotálamo-hipófise-gônadas, que é responsável pelo controle hormonal do ciclo menstrual regular (Guimarães et al., 2024). De acordo com Wildberger, Bottini e Wildberger (2022), o desequilíbrio endócrino provocado afeta diretamente a síntese natural de hormônios sexuais femininos como o estrogênio. Esse bloqueio biológico severo resulta no surgimento de quadros prolongados de oligomenorréia e amenorréia, prejudicando seriamente a fertilidade da mulher (Iwata, 2023).

A hipertrofia do clitóris constitui uma modificação anatômica grave induzida pela alta sensibilidade biológica do tecido genital feminino aos estímulos androgênicos contínuos (Santos et al., 2024). O órgão genital sofre um aumento volumétrico anormal em resposta direta às doses maciças de anabolizantes

sintéticos estruturalmente derivados da testosterona (Fátima Souza et al., 2022). De acordo com Oliveira, Sousa e Maciel (2025), a busca desenfreada por transformações estéticas rápidas desconsidera por completo a agressividade dessas reações físicas locais. Esse crescimento clitoridiano anormal costuma vir acompanhado de instabilidade acentuada na libido e é clinicamente classificado como irreversível (Iwata, 2023).

As complicações metabólicas sistêmicas desencadeadas pelo abuso persistente de esteroides trazem prejuízos invisíveis e perigosos para o funcionamento orgânico interno (Correia et al., 2026). Observa-se clinicamente a elevação indesejada de enzimas associadas a lesões hepáticas, além de alterações desfavoráveis e aterogênicas nas taxas de colesterol sanguíneo (Santos et al., 2024). De acordo com Wildberger, Bottini e Wildberger (2022), a superexpressão de vias metabólicas alternativas danifica a homeostase interna de forma crônica. Essas alterações bioquímicas combinadas aumentam consideravelmente a resistência periférica à insulina e elevam o risco de desenvolvimento de infarto agudo do miocárdio (Leite et al., 2024).

As oscilações drásticas e perigosas de comportamento e humor representam o impacto direto e deletério dessas substâncias no funcionamento do sistema nervoso central (Miranda et al., 2025). As usuárias apresentam episódios frequentes de irritabilidade extrema, crises de ansiedade generalizada e reações desproporcionais de agressividade física ou verbal no cotidiano (Correia et al., 2026). De acordo com Wildberger, Bottini e Wildberger (2022), os hormônios atuam de forma sistêmica influenciando tanto os aspectos físicos estruturais quanto os comportamentais da pessoa. A interrupção abrupta do consumo evolui para uma síndrome de abstinência dolorosa, marcada por episódios de depressão profunda e fadiga crônica (Santos et al., 2024).

O correto manejo clínico dos efeitos colaterais dermatológicos e sistêmicos exige uma atuação profissional integrada baseada na proibição rigorosa do uso estético (Rocha Carvalho, 2023). As resoluções oficiais vigentes vedam categoricamente a indicação médica de terapias androgênicas para fins de ganho de massa muscular ou melhora artificial de performance esportiva (Iwata, 2023). De acordo com Oliveira, Sousa e Maciel (2025), a conscientização ampla da sociedade sobre os riscos reais escondidos por trás do culto ao corpo constitui uma urgência de saúde pública. O acolhimento por equipes multidisciplinares possibilita a redução de danos eficaz e o tratamento adequado das sequelas físicas e psicológicas permanentemente instaladas (Correia et al., 2026).

4. CONCLUSÃO

Diante do exposto, é notório que a busca incessante por padrões estéticos idealizados tem impulsionado um contingente cada vez maior de mulheres ao uso indiscriminado de esteroides anabolizantes androgênicos. Esse comportamento é amplamente alimentado pela circulação de informações distorcidas e falsas promessas de resultados rápidos e seguros que minimizam os riscos reais associados a essas substâncias. Diante disso, desmistificar o conceito de compostos supostamente inofensivos revela-se um passo fundamental para proteger a integridade física do público feminino.

As repercussões dermatológicas induzidas pelo uso dessas substâncias, como a acne inflamatória severa, a calvície e a oleosidade extrema, deixam claro que a pele reflete de maneira agressiva o desequilíbrio hormonal interno. Os mecanismos biológicos envolvidos nas unidades pilosebáceas demonstram que as alterações estéticas não são meros efeitos colaterais passageiros, mas sim manifestações de uma toxicidade tecidual profunda. Esses danos cutâneos comprometem a barreira de proteção natural do corpo e expõem a usuária a infecções e inflamações crônicas de difícil controle clínico.

Além do impacto na pele, o processo de virilização se estabelece como uma das consequências mais severas e muitas vezes permanentes da exposição a andrógenos exógenos. Alterações estruturais marcantes, como o engrossamento definitivo da voz, o surgimento de pelos densos em áreas tipicamente masculinas e a hipertrofia clitoridiana, transformam profundamente a anatomia feminina. A irreversibilidade de muitos desses sinais clínicos acentua a gravidade do problema, transformando o desejo inicial de aprimoramento físico em um duradouro processo de descaracterização biológica.

Os danos provocados pelo abuso de esteroides estendem-se silenciosamente para o ambiente interno do organismo, comprometendo sistemas vitais e funções metabólicas essenciais. Desequilíbrios no perfil lipídico, sobrecarga das funções hepáticas e renais, resistência à insulina e disfunções reprodutivas graves ilustram a severidade do impacto sistêmico. Essas alterações combinadas silenciam o funcionamento regular dos eixos hormonais e elevam o risco de complicações cardiovasculares precoces, provando que os prejuízos superam significativamente os ganhos estéticos temporários.

No âmbito psicológico, a estreita relação entre o consumo dessas substâncias e o desenvolvimento de distúrbios de autoimagem, como a vigorexia e a dismorfia corporal, cria um ciclo vicioso de dependência. A incapacidade de enxergar com clareza as próprias conquistas físicas ou a gravidade dos efeitos colaterais faz com que muitas mulheres perpetuem o uso mesmo diante do adoecimento visível. Esse aprisionamento mental é agravado por oscilações drásticas de humor, crises de ansiedade, episódios de agressividade e quadros depressivos intensificados nos períodos de abstinência.

A sofisticação do mercado clandestino, que gourmetizou o consumo hormonal sob rótulos sedutores voltados ao antienvhecimento e ao bem-estar, representa um desafio adicional para a saúde coletiva. A comercialização de implantes subcutâneos sem a devida regulamentação sanitária e sob termos comerciais enganosos atrai mulheres que acreditam estar realizando tratamentos puramente terapêuticos. Essa estratégia comercial mascara a entrega de doses suprafisiológicas de anabolizantes comuns, expondo pacientes desinformadas a graves riscos biológicos sem o consentimento real dos perigos associados.

Existe ainda uma preocupante barreira de comunicação entre as usuárias e os profissionais de saúde, frequentemente motivada pelo medo do julgamento moral ou da repreensão clínica dentro dos consultórios. Essa omissão voluntária de informações atrasa o diagnóstico correto de complicações metabólicas e dermatológicas, impedindo a realização de exames bioquímicos vitais para o monitoramento do organismo. A construção de um ambiente de acolhimento médico livre de preconceitos é urgente para que essas mulheres se sintam seguras ao relatar o histórico de uso e buscar tratamento adequado.

Por fim, conclui-se que o enfrentamento dessa epidemia silenciosa exige ações coordenadas de conscientização pública, fiscalização rigorosa e atendimento médico integrado. É fundamental fortalecer a divulgação de informações científicas claras sobre os perigos do uso estético de hormônios, contrapondo-se à romantização promovida nas redes sociais e em ambientes de treinamento. O acolhimento multidisciplinar focado na redução de danos e no suporte psicológico constitui o caminho necessário para acolher as pacientes afetadas, tratar as sequelas instaladas e desestimular essa prática prejudicial à saúde feminina.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Felipe Anthony Barbosa et al. Efeitos dos esteroides anabolizantes na saúde: uma análise do uso indiscriminado e os impactos psicológicos e fisiológicos. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 1, n. 03, p. 1-26, 2026. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/5351>. Acesso em: 4 mar. 2026.

COSTA, Pietra Colotta da. “Chips” de beleza-alternativa segura para reposição hormonal ou iminente risco à saúde?. 2026. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/0ff36abc-706d-4be8-a067-9f7ade0935f5>. Acesso em: 4 mar. 2026.

DE FÁTIMA SOUZA, Amanda et al. Achados clínicos causados pelo uso de anabolizantes esteroides por mulheres para fins estéticos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, p. e579111436635, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/36635>. Acesso em: 4 mar. 2026.

GUIMARÃES, Islenne Martins Almeida et al. Esteroides anabolizantes em mulheres: diferentes respostas fisiológicas e riscos associados. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 7, p.

1946-1954, 2024. Disponível em: <https://bjhs.emnuvens.com.br/bjhs/article/view/2648>. Acesso em: 4 mar. 2026.

IWATA, Marina Ayumi Silva. **Uso de esteroides androgênicos anabolizantes por mulheres atletas**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/17046>. Acesso em: 4 mar. 2026.

LEITE, Maria Júlia Yada et al. O uso de esteroides anabolizantes em esportistas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 5, p. e15873, 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/15873>. Acesso em: 4 mar. 2026.

MIRANDA, Ana Carolina et al. Efeitos psicológicos causados pelo uso de esteroides anabolizantes androgênicos: uma revisão integrativa. **Pensar Acadêmico**, v. 23, n. 1, p. 69-88, 2025. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/4316>. Acesso em: 4 mar. 2026.

OLIVEIRA, Katiulcy Carvalho; SOUSA, Geovanna Fernandes Lacerda; MACIEL, Josué Batista. Terapias hormonais: comprovação científica baseada em evidências e o uso indiscriminado. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 5, p. e1068, 2025. Disponível em: <https://mail.revistageo.com.br/revista/article/view/1068>. Acesso em: 4 mar. 2026.

ROCHA CARVALHAL, André da. **Avaliação da relação benefício-risco na utilização de esteroides anabolizantes**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/f4076d6c215742eb1edf3bb77adb6d66/1>. Acesso em: 4 mar. 2026.

ROSA, Edson Carlos Zaher et al. Medicamentos esteróides anabolizantes (E. AS) e seus principais efeitos androgênicos em pacientes do sexo feminino: uma análise à luz da fisiologia-médica e endocrinologia feminina. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 15, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/medicamentos-esteroides-anabolizantes-e-as-e-seus-principais-efeitos-androgenicos-em-pacientes-do-sexo-feminino-uma-analise-a-luz-da-fisiologia-medica-e-endocrinologia-feminina>. Acesso em: 4 mar. 2026.

SANTOS, Cislaine Ferreira dos et al. **O uso de esteroides andrógenos anabolizantes e ergogênicos: uma epidemia silenciosa**. 2024. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/27653>. Acesso em: 4 mar. 2026.

WILDBERGER, Miguel Angel Aranda; BOTTINI, Camila Petry; WILDBERGER, Carmen Leticia Aranda. Efeitos adversos do uso de esteroides anabolizantes em atletas profissionais: revisão bibliográfica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 6, p. 609-622, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/5977>. Acesso em: 4 mar. 2026.